



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional  
FIDENE-UNIJUI

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 05/12/2025 e 11/12/2025

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

**urante**ENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560  
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL  
FONE: (55) 0\*\*55 3332-0487 FAX: (55) 0\*\*55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br

### Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>05/12/2025</b>	11,05	304,70	51,36	5,37	4,36
<b>08/12/2025</b>	10,93	303,60	50,90	5,36	4,36
<b>09/12/2025</b>	10,87	298,20	50,73	5,36	4,40
<b>10/12/2025</b>	10,91	298,20	50,81	5,31	4,34
<b>11/12/2025</b>	10,93	298,80	50,56	5,34	4,35
<b>Média</b>	<b>10,94</b>	<b>300,70</b>	<b>50,87</b>	<b>5,35</b>	<b>4,36</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)  
no mercado físico brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

<b>SOJA</b>		
RS – Nonoai	<b>126,00</b>	
RS – Não Me Toque	<b>125,50</b>	
PR – Pato Branco	<b>124,00</b>	
PR – M.C.Rondon	<b>120,00</b>	
MT – C.N.Parecis	<b>116,00</b>	
MS – Maracaju	<b>128,00</b>	
GO - Rio Verde	<b>120,00</b>	
BA – L.E.Magalhães	<b>126,00</b>	
<b>MILHO(**)</b>		
Porto de Santos	<b>70,00</b>	CIF
Porto de Paranaguá	<b>69,00</b>	CIF
Porto de Rio Grande	<b>SC</b>	
RS – Não-Me-Toque	<b>61,00</b>	
SC – Rio do Sul	<b>64,00</b>	
PR – M.C.Rondon	<b>54,00</b>	
PR – Pato Branco	<b>59,00</b>	
MT – C.N.Parecis	<b>50,00</b>	
MS – Maracaju	<b>58,00</b>	
SP – Itapetininga	<b>68,00</b>	
SP – Campinas	<b>71,00</b>	CIF
GO – Rio Verde	<b>58,00</b>	
GO – Jataí	<b>58,00</b>	
<b>TRIGO (**)</b>		
RS – Nonoai	<b>55,00</b>	
RS – Não Me Toque	<b>54,00</b>	
PR – Pato Branco	<b>64,00</b>	
PR – M.C.Rondon	<b>66,00</b>	

Período: 10/12/2025

SC=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 11/12/2025**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
<b>R\$</b>	<b>62,17</b>	<b>126,52</b>	<b>54,42</b>

ND = Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
11/12/2025**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	<b>53,31</b>
Feijão (saco 60 Kg)	<b>112,51</b>
Sorgo (saco 60 Kg)	<b>52,00***</b>
Suíno tipo carne (Kg vivo)	<b>6,41</b>
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	<b>2,21**</b>
Boi gordo (Kg vivo)*	<b>10,88</b>

(\*) compreende preços para pagamento em 60 e 20 dias

(\*\*) Referência Setembro/25, cf. Cepea/Esalq

(\*\*\*) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

## MERCADO DA SOJA

O final do ano se aproxima e as cotações da soja, em Chicago, voltaram a recuar abaixo dos US\$ 11,00/bushel, considerando o primeiro mês cotado. Após atingir a US\$ 10,87 no dia 09/12, o mais baixo valor desde o dia 29 de outubro, o bushel da oleaginosa fechou a quinta-feira (11) em US\$ 10,93, contra US\$ 11,19 uma semana antes.

Um dos motivos foi o relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado no dia 09/12, o qual indicou, para a safra 2025/26, uma colheita nos EUA de 115,8 milhões de toneladas e estoques finais naquele país em 7,9 milhões. Tais volumes não sofreram alterações em relação ao relatório de novembro. Estes volumes são, respectivamente, 3,3 milhões de toneladas e 700.000 toneladas abaixo do registrado no ano anterior. Portanto, a diferença não é significativa. Especialmente porque o relatório elevou em cerca de um milhão de toneladas a produção e os estoques finais mundiais para este novo ano comercial. A produção seria de 422,5 milhões de toneladas e os estoques ficariam em 122,4 milhões. Por sua vez, a produção brasileira de soja foi mantida em 175 milhões de toneladas e a da Argentina em 48,5 milhões. Já as importações chinesas somariam 112 milhões de toneladas. Com isso, o preço médio ao sojicultor estadunidense, neste ano de 2025/26, permaneceu estimado em US\$ 10,50/bushel.

Dito isso, as importações chinesas de soja chegaram ao maior nível desde novembro de 2021. “O maior comprador mundial de soja importou 8,1 milhões de toneladas em novembro, um aumento de 13,4% em relação às 7,15 milhões de toneladas do ano anterior. Nos primeiros 11 meses do ano, as importações de soja da China aumentaram 6,9% em relação ao ano anterior, para 103,79 milhões de toneladas.” Todavia, vale registrar que os embarques de novembro caíram 14,5% em relação a outubro. Por sua vez, os estoques de soja e farelo de soja, nas esmagadoras chinesas, estão elevados o que indica uma possível diminuição futura nas compras do país asiático. Com as recentes negociações entre os governos dos EUA e da China, os asiáticos voltaram a comprar soja estadunidense depois de um longo período ausente deste mercado (cf. Reuters).

Já no Paraguai, espera-se uma safra total de soja ao redor de 10,5 milhões de toneladas para 2025/26, entre safra e safrinha. Inicialmente esperava-se 11 milhões, porém, problemas climáticos reduzem a projeção. Por sua vez, 19% da futura soja havia sido vendida antecipadamente no Paraguai, contra 13% no mês anterior. Já a safra de 2024/25 estaria totalmente comercializada no vizinho país (cf. StoneX).

E no Brasil, devido a um real mais desvalorizado (oscilando entre R\$ 5,40 e R\$ 5,50 por dólar durante a semana), os preços da soja se mantiveram firmes apesar do recuo em Chicago. No Rio Grande do Sul, as principais praças negociaram o produto entre R\$ 125,50 e R\$ 126,00/saco, enquanto nas demais localidades brasileiras as médias oscilaram entre R\$ 116,00 e R\$ 128,00/saco.

Dentre as principais notícias da semana tem-se que a nova safra de soja vem causando preocupações aos produtores brasileiros em geral e aos mato-grossenses em particular. De fato, no Mato Grosso, segundo o Imea, o custo total da safra de soja local será de R\$ 54,39 bilhões em todo o ciclo, sendo esta uma das mais caras da história recente daquele Estado. Portanto, não há margem para erros por parte dos

produtores quanto à compra dos insumos, à tomada de crédito diante dos atuais juros, ao seguro agrícola e à comercialização do produto na ponta final. A contabilidade da safra será decisiva, com a realização de cálculos completos, pois qualquer erro poderá comprometer o lucro da safra inteira já que a margem está muito mais apertada. Outro problema é que o crédito rápido das revendas não existe mais e quem não organizar o fluxo de caixa com antecedência corre grandes riscos de prejuízos importantes. Soma-se a isso, obviamente, a dúvida quanto ao sucesso final da colheita diante das variações climáticas constantes e profundas nos últimos anos. Em resumo, “com custos recordes, crédito mais rígido e risco maior, a safra de soja de Mato Grosso se desenha como um teste de gestão”. E isso vale para o Brasil inteiro produtor de soja, pois a eficiência não é mais um diferencial e sim uma necessidade.

## MERCADO DO MILHO

A cotação do milho, em Chicago, pouco se alterou nesta segunda semana de dezembro, com o bushel oscilando entre US\$ 4,30 e US\$ 4,40, tendo fechado a quinta-feira (11) em US\$ 4,35, após US\$ 4,37 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado no dia 09/12, trouxe poucas novidades para a safra de 2025/26. Mesmo assim, vale destacar que a produção dos EUA foi mantida no recorde de 425,5 milhões de toneladas, porém, com a melhoria das exportações (81,3 milhões de toneladas) os estoques finais naquele país foram reduzidos para 51,5 milhões. Já a produção mundial de milho foi reduzida para 1,283 bilhão de toneladas e os estoques finais mundiais ficariam em 279,2 milhões, com redução ao redor de 2 a 3 milhões de toneladas em ambos os casos. A produção brasileira é esperada em 131 milhões e a da Argentina em 53 milhões de toneladas. Em 2025/26 o Brasil exportaria 43 milhões de toneladas. Com isso, o preço médio ao produtor estadunidense de milho, neste novo ano comercial, foi mantido em US\$ 4,00/bushel.

E no Paraguai, metade da última safrinha já teria sido exportada, enquanto a comercialização da mesma atingia a 90% do total no início da semana. A falta de silos para armazenagem obriga a venda quase que imediata do milho. Em relação a 2026, estima-se que 7% já estaria vendido. Segundo a aduana paraguaia, o vizinho país exportou 2,3 milhões de toneladas do cereal até outubro. Como a produção está estimada em 5,7 milhões de toneladas, as vendas alcançam cerca de 50% do total produzido. Por sua vez, o consumo interno chega a 2 milhões de toneladas anuais, fato que tende a manter firme os preços locais (cf. StoneX).

E no Brasil, finalmente o preço do milho reagiu um pouco no Rio Grande do Sul, com as principais praças negociando o produto a R\$ 61,00/saco, após longo tempo em R\$ 60,00. Nas demais regiões do país, os valores oscilaram entre R\$ 50,00 e R\$ 68,00/saco.

Dito isso, seguem as preocupações dos produtores em função do clima quente e com pouca chuva em algumas regiões do país, embora o Rio Grande do Sul tenha recebido chuvas importantes nesta semana. O quadro geral, no entanto, ainda gera inquietações, pois não se descartam quebras entre 20% a 30% na safra de verão nas regiões atingidas. Isso permite esperar preços mais elevados adiante, o que freia o

interesse vendedor. A questão é de quanto será realmente a safra de verão, a qual logo mais começa a ser colhida. Nesse caso, segundo a Conab, até o dia 05/12 em torno de 71,3% das áreas de verão estavam semeadas no país, contra a média de 69,1%. Até aquela data, segundo o órgão público, 9,7% das áreas ainda estavam em emergência, 60,5% haviam avançado para desenvolvimento vegetativo, 19,1% estavam em floração, 10,2% estavam em enchimento de grãos e 0,5% haviam chegado na maturação.

Enfim, segundo o Imea, no Mato Grosso a comercialização da safra de milho 2024/25 chegava a 83,4% do total colhido, no final de novembro. Enquanto isso, em relação aos preços, o valor comercializado em novembro/25 apresentou alta de 1,97% frente a outubro/25, fechando na média de R\$ 48,09/saco. Quanto a futura safrinha 2025/26, no final de novembro as vendas antecipadas chegavam a 25,3% naquele Estado. O preço médio praticado, em novembro, para a nova safra, encerrou o mês em R\$ 45,57/saco.

## MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, recuaram nesta semana, com o bushel fechando a quinta-feira (11), para o primeiro mês cotado, em US\$ 5,34, contra US\$ 5,41 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado no dia 09/12, trouxe algumas novidades para a safra 2025/26. Dentre elas, podemos citar o aumento na estimativa de produção mundial do cereal, ficando agora em 837,8 milhões de toneladas, com ganho de quase 10 milhões de toneladas sobre novembro e um aumento em torno de 37 milhões sobre o produzido no ano passado. Com isso, os estoques finais mundiais, para o término de 2025/26, pulam para 274,9 milhões de toneladas, ganhando 14,9 milhões de toneladas sobre o registrado no ano anterior. A produção brasileira foi estimada em torno de 7,5 milhões de toneladas (números ainda provisórios), enquanto a Argentina, que continua colhendo sua safra, espera um recorde histórico de 25,5 milhões de toneladas. Portanto, haverá muito trigo no vizinho país para o Brasil importar, compras estas esperadas em 7,3 milhões de toneladas de todas as origens para 2025/26. Já a produção de trigo nos EUA foi mantida em 54 milhões de toneladas e os estoques finais permaneceram estimados em 24,5 milhões. Diante disso, o preço médio ao produtor estadunidense de trigo, em 2025/26, permanece estimado em US\$ 5,00/bushel.

E no Brasil, os preços do trigo, diante da pressão de final de colheita da safra nacional, se mantêm estáveis, porém, fracos. O Rio Grande do Sul praticou valores entre R\$ 54,00 e R\$ 55,00/saco nas principais praças, e o Paraná permaneceu com valores entre R\$ 64,00 e R\$ 66,00.

Neste começo de dezembro, no Paraná, o mercado de lotes apresenta valores em baixa, pressionados sobretudo pela maior disponibilidade interna. Já no Rio Grande do Sul, São Paulo e Santa Catarina, as cotações estão mais firmes, sustentadas pelo mercado consumidor. No front externo, com a proximidade do final da colheita de trigo no Brasil, as exportações foram retomadas em novembro, enquanto as importações recuaram (cf. Cepea). Efetivamente, de acordo com dados da Secex, em novembro foram exportadas 121.160 toneladas de trigo, o maior volume escoado pelo País desde

março/25. Já quanto às importações, em novembro, chegaram no país 414.560 toneladas de trigo, 22,4% a menos do que em outubro/25, e 2,6% a menos em relação a novembro/24, sendo este o menor volume mensal desde dezembro/23.

No Rio Grande do Sul, embora a qualidade do grão seja aceitável, apesar de problemas regionais, a grande preocupação está na rentabilidade. Os atuais preços não pagam os custos de produção, gerando prejuízos aos tricultores. De fato, segundo a Emater, com uma área semeada de 1,14 milhão de hectares, a produtividade média seria de 54,3 sacos/hectare, porém, insuficiente para garantir rentabilidade diante dos atuais preços praticados aos produtores.

Apesar de tal cenário, a comercialização do trigo segue em ritmo acelerado. No Rio Grande do Sul, cerca de 42% da safra já foi negociada, enquanto no Paraná o percentual chega entre 92% e 95% do volume disponível. Com isso, restam aproximadamente 1,97 milhão de toneladas ainda disponíveis no Rio Grande do Sul e entre 125.000 e 200.000 toneladas no Paraná. No total, o país dispõe de cerca de 2,27 milhões de toneladas de trigo para suprir a demanda entre fevereiro e agosto de 2026. Considerando que a demanda mensal de moagem de trigo, no Brasil, é estimada em 984.390 toneladas (sendo 225.000 toneladas no Paraná e 175.000 toneladas no Rio Grande do Sul), o país teria apenas 324.280 toneladas mensais de oferta nacional no período considerado, ou seja, 32,9% do necessário. “Esse déficit pode abrir espaço para valorização do trigo doméstico, aproximando os preços da paridade de importação.” (cf. TF Agroeconômica)